

O PROJETO DE EXTENSÃO ESPAÇO SOCIAL E A DINÂMICA DE INTERDISCIPLINARIDADE

THE SOCIAL SPACE EXTENSION PROJECT AND THE DYNAMICS OF INTERDISCIPLINARITY

EL PROYECTO DE AMPLIACIÓN DEL ESPACIO SOCIAL Y LA DINÁMICA DE LA INTERDISCIPLINARIEDAD

Francisco Fagundes de Paiva Neto¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as atividades do projeto de extensão Espaço Social com o recorte temporal da cota 2013-2014 realizado no campus III da Universidade Estadual da Paraíba. Primamos como prática a realização de 12 módulos de 15 horas aula com as mais diversas extrações teóricas, tendo como dia de execução o sábado em 2 turnos, matutino e vespertino. A extensão totalizou 180 horas de atividades para contabilizar em complementação da carga horária aos estudantes de graduação ou de formação completar aos profissionais em atividade. Como prática pedagógica, proporcionamos, coletivamente e com um caráter interdisciplinar, a realização de aulas com debates, exibição de áudio visuais e redação de textos para fim de integralização das sessões como meio de formalizar a construção do conhecimento, que pode ter desdobramentos para redação de trabalhos de fim de curso, projetos para seleções de pós-graduações ou redação de artigos científicos.

Palavras-Chave: Ciências Humanas; Identidades; Interdisciplinaridade; Culturas.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the activities of the extension project Social Space with the time frame of the quota 2013-2014 held on campus III of the State University of Paraíba. As a practice, we emphasized the realization of 12 modules of 15 hours with the most diverse theoretical extractions, having as day of execution the Saturday in two shifts, morning and afternoon. The extension totaled 180 hours of activities to be accounted for as complementary workload for undergraduate students or to complete training for professionals in activity. As a pedagogical practice, we provide, collectively and with an interdisciplinary character, the realization of classes with debates, exhibition of audio visuals and writing of texts in order to complete the sessions as a means of formalizing the construction of knowledge, which can have consequences for the writing of end-of-course works, projects for postgraduate selections or writing scientific articles.

Keywords: Human Sciences; Identities; Interdisciplinarity; Cultures.

¹ Professor doutor Associado A na Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III, Departamento de História. Pós-doutor em História (UFPE), Doutorado em Sociologia (UFCG). Desenvolve as atividades docentes na área de História do Brasil e História da América. Ex-coordenador do Núcleo de Documentação Histórica (NDH-CH/UEPB). Realiza pesquisa e extensão em Estudos do Trabalho. Correio eletrônico: francisconfagundes@servidor.uepb.edu.br.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar las actividades del proyecto de extensión Espacio Social con el corte temporal de la cuota 2013-2014 realizado en el campus III de la Universidad Estatal de Paraíba. Como práctica, destacamos la realización de 12 módulos de 15 horas con las más diversas extracciones teóricas, teniendo como día de ejecución el sábado en dos turnos, mañana y tarde. La extensión totalizó 180 horas de actividades para tener en cuenta la carga de trabajo complementaria de los estudiantes de grado o la formación para completar los profesionales en actividad. Como práctica pedagógica, brindamos, de manera colectiva y con carácter interdisciplinario, la realización de clases con debates, exhibición de audiovisuales y redacción de textos para completar las sesiones como medio de formalizar la construcción del conocimiento, lo que puede tener consecuencias para la redacción de trabajos de fin de carrera, proyectos para selecciones de posgrado o redacción de artículos científicos.

Palabras-Clave: Ciencias Humanas; Identidades; Interdisciplinaridad; Culturas.

INTRODUÇÃO

A presente proposta partiu de diálogos entre um grupo interdisciplinar e interinstitucional de professores e pesquisadores de universidades no estado da Paraíba, cujas reflexões no campo da História, Sociologia, Geografia e Letras demonstraram a possibilidade de fomentar discussões com profissionais egressos das instituições de ensino superior oriundos das humanidades. Esse foi um esforço de caráter interdisciplinar, que aprofundaremos brevemente. O nosso escopo fundamental foi o de romper com as especializações, quer com relação ao corpo docente, quer quanto ao discente/egressos, tendo como meta constitutiva do nosso trabalho a de propor uma “profunda revisão de pensamento, que deve caminhar no sentido da intensificação do diálogo, das trocas, da integração conceitual e metodológica nos diferentes campos do saber” (Thiesen, 2008, p. 548).

Esse esforço interdisciplinar e integrador das experiências de saberes locais a nosso trabalho só foi exitoso, devido uma prática colaborativa de todo o coletivo envolvido nas ações de planejamento, participação, divulgação e avaliação das atividades como táticas para construir uma extensão com ressonância na região, quanto à importância das discussões promovidas e na expectativa de novas edições futuras. Para tanto, submetemos a proposta em editais de anos posteriores, mas diante da exiguidade do tempo e da proposta de elaboração escrita, discutiremos a presente edição da nossa atividade extensiva.

A temática do curso relacionou-se a um *locus* privilegiado para um debate científico interdisciplinar nas Humanidades, porque versando sobre o espaço social, tivemos como envolver outras possibilidades analíticas. Por essa estratégia organizativa, tivemos

possibilidades de compartilhar e debater visões clássicas e contemporâneas sobre a noção em questão, que ao longo do tempo foi abordada pelas ciências humanas. Como uma construção de um mosaico, a partir de diversos aspectos teóricos, procuramos a relação entre ensino, pesquisa e extensão com um objetivo para constituição de uma visão unitária do ser humano, quebrando as visões fragmentadas e construindo uma intersubjetividade. Conforme a reflexão de uma estudiosa da filosofia da Educação: “Interdisciplinaridade implicaria uma mudança de atitude diante do problema do conhecimento e, conseqüentemente, uma mudança de atitude diante da Educação, alterando a própria estrutura curricular existente” (Fazenda, 1994, p. 139). O nosso investimento em realizar a extensão definiu-se exatamente pela concepção de integrar saberes diferentes de agentes sócio-históricos diversos no processo do fazer-se do conhecimento.

O projeto de extensão *Espaço Social: visões e revisões* justificou-se a partir da necessidade de realizar um enfoque plural das formas pelas quais os homens constituem e representam as suas comunidades e sociedades, tanto nas suas relações em micro, como em macroescalas de análise. O caráter desse empreendimento envolveu a colaboração de professores e pesquisadores de várias áreas do conhecimento das ciências humanas, cujas perspectivas permitiram uma visualização polifônica da noção em questão.

As leituras sobre o espaço originaram-se de diversos focos e permitiram aos participantes do curso um conjunto de reflexões sobre as contribuições dos historiadores, sociólogos, geógrafos e de pesquisador da área da Literatura. O projeto contou com apreciações em torno às visões sobre a relação entre o espaço e memória; a questão urbana na contemporaneidade; as identidades sociais em áreas rurais; os movimentos sociais e a constituição de territorialidades; as questões inerentes à geopolítica; as relações homem/natureza; literaturas, representações e regionalismos; os aspectos referentes aos impactos inerentes ao desenvolvimento regional nos espaços rurais; as questões relacionadas a constituição das identidades nacionais e as visões de internacionalismo; além, dos usos do ciberespaço na manutenção das identidades culturais dos povos pré-colombianos.

Esse conjunto de apreciações, ao fim das atividades, refletiu em uma formação suplementar aos cursistas envolvidos nas produções dos variados modelos de trabalhos de conclusão de curso ou em projetos de pesquisa, que os credenciaram às pós-graduações na UEPB ou em outras instituições de ensino. Consideramos relevante para fins de conclusão das atividades entre os cursistas a produção de artigos, que resultaram na proposta da elaboração de um livro, sob a organização dos professores coordenadores, demonstrando a possibilidade

de produção científica, tanto pelos docentes, quanto pelos discentes participantes no conjunto das discussões. Porém, devido aos custos de um livro físico, a proposta ficou suspensa e os resultados das atividades foram expostos em eventos de extensão, tanto na UEPB como em outras instituições de ensino. Ademais, as discussões da extensão reverberaram em trabalhos de fim de curso ou artigos para eventos científicos.

Em termos quantitativos, concebemos como uma oportunidade de excelência para complementar as horas demandadas pelos currículos da nossa instituição, que abarcam nos seus limites: participação em eventos de diversas naturezas, como cursos, encontros, palestras, congressos ou jornadas. Ademais, avaliamos como substancial à vida acadêmica dos cursistas uma formação complementar, que os credenciam aos concursos públicos para o ingresso no magistério ou nas pós-graduações.

DA INTERDISCIPLINARIDADE E DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A interdisciplinaridade é uma ourivesaria no processo educativo, porque possui tantas possibilidades de um fazer-se, que conjuga simplicidade e complexidade em um *leitmotiv* dialético. Essa afirmação tem como fundamento a reflexão e a ação prática de uma dialogia entre conhecimentos e agentes envolvidos. Diante do normativismo escolástico, destacamos a reflexão de Fazenda (1994), quando pontua ser o ponto mais expressivo da interdisciplinaridade mais o encontro de indivíduos, que o de disciplinas com a referência do viver, do exercer e de ter uma responsabilidade individual no ato de aprender e na aprendizagem coletiva. De acordo com essa perspectiva:

Já que a Interdisciplinaridade é uma forma de compreender e modificar o mundo, pelo fato de a realidade do mundo ser múltipla e não una, a possibilidade mais imediata que nos afigura para sua efetivação no ensino seria a eliminação das barreiras entre as disciplinas. Anterior a esta necessidade básica, é óbvia a necessidade da eliminação das barreiras entre as pessoas (Fazenda, 2011, p. 88).

Em defesa da atividade de extensão, devido à dimensão participativa de tantos indivíduos com formações e experiências diversas no campo social e educativo, tivemos em mente um nível de fluidez, mas com ancoragens para administrar os debates e destinar com maior brevidade níveis de intervenção suplementar no ato educativo, em instâncias locais ou regionais. Conforme uma educadora:

A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana pela passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade e, assim sendo, recupera a ideia primeira de cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças do mundo) (Thiesen, 2008, p. 548).

Decerto, não se trata de fazer a extensão como o *topoi* da interdisciplinaridade, mas de demonstrar, que essa atividade pode e deve compartilhar princípios de construção, difusão e de integração de conhecimentos e de agentes sócio-históricos no trabalho de autonomia do ato de aprender. Naquilo que cabe ao professor, a condição institucional pode ser enriquecida com a amplificação e replicação das práticas de diálogo entre os participantes do ato educativo, a partir de diversos pontos de conexão. Conforme uma avaliação sobre a interdisciplinaridade e o ofício do professor:

De todo modo, o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências (Thiesen, 2008, p. 551).

A visão integrada da realidade apenas ganha fecundidade com a prática da apropriação dos conceitos e, mesmo, de categorias nativas, ou seja, a dos saberes originários para descentralizar o conhecimento, bem como, para enriquecer a própria produção da ciência, afirmando usos sociais do conhecimento para além da institucionalidade, da escolástica formal, das relações de dominação e de modalidades de um colonialismo cognitivo. Segundo uma estudiosa da interdisciplinaridade, quanto à relação entre integração e interdisciplinaridade:

[...] a integração poderia acontecer em aspectos parciais, como: confronto de métodos, teorias-modelo ou conceitos-chave das diferentes disciplinas, ao passo que, delimitando mais rigorosamente o conceito de interdisciplinaridade, conclui-se que esta seria um passo além dessa integração, ou seja, para que haja interdisciplinaridade deve haver uma 'sintonia' e uma adesão recíproca, uma mudança de atitude diante de um fato a ser conhecido [...] (Fazenda, 2011, p. 87).

Portanto, à guisa de uma reflexão pontual sobre a questão da interdisciplinaridade, procuramos criar um lastro de elementos teóricos e algumas das nossas avaliações sobre esse processo de relação entre conhecimentos e atitudes no fazer científico, quando compreendemos o contexto do trabalho de extensão, que propusemos discutir.

METODOLOGIA

O projeto foi concebido pelo coordenador, a partir de uma sondagem com professores de outros departamentos, tendo do escopo estabelecer uma experiência educativa no flanco extensionista. Nessa extensão, tivemos com desafio articular uma proposta que tivesse como estabelecer conexões com outras áreas de ensino no nosso campus, devido as próprias questões pedagógicas de cada graduação em questão. Imaginamos a extensão como uma estratégia de abrir alguns espaços de interlocução para, através das experiências dos extensionistas internos e externos, termos como ampliar relações com o ensino nas próprias disciplinas da graduação, bem como de ampliar as relações com projetos de pesquisa.

A extensão em questão contemplou 10 (dez) módulos de 15 horas/aula cada um, totalizando 150 horas/aula divididos em 8 horas/aula presenciais e 7 horas/aula de atividades extraclasse. A nossa pretensão inicial foi de realizar uma extensão de 180 horas/aula, contudo, enfrentamos alguns problemas com relação ao calendário das atividades, que nos exigiu uma reconfiguração no planejamento.

Os módulos temas e professores responsáveis foram os seguintes: Espaços sociais, identidades e memórias (Francisco Fagundes de Paiva Neto); Um olhar sobre o espaço urbano (Francisco Fábio Dantas da Costa); Agentes políticos e estrutura jurídico-política autoritária no Brasil (Antonio Gregório da Silva); Filosofia e espacialidade (Genivaldo Paulino Monteiro); A evolução natural da Terra (Lanusse Salim Rocha Tuma); A Primavera Árabe e as teorias pós-coloniais (Antônio Manoel Elíbio Júnior); Um Olhar sobre a participação e o controle social na (re) produção do espaço (Yure Silva Lima); A geopolítica no contexto internacional (Péricles Alves Batista); Assentamentos rurais: identidades, vivências e processos sociopolíticos (Vilson Cesar Schenato); e, Governança territorial e desenvolvimento turístico no Brejo Paraibano (Prof. Sergerson Silvestre). A partir dessa sementeira de uma constituição interdisciplinar com o compromisso de uma responsabilidade coletiva, demos início à nossa atividade extensionista. E como escopo de estabelecermos a meta de uma difusão de pesquisas em uma atividade de extensão e com um caráter de integrador de saberes locais, a partir das intervenções dos participantes, tivemos por inspiração a seguinte análise, como esteio para o nosso trabalho:

[...] o que se refere ao conhecimento, as razões para não aceitarmos a sua fragmentação prende-se também ao fato de que as ciências parcelares não dão conta de explicar a realidade, de explicar o mundo, havendo o desejo de reverter, em certa medida, as distorções que foram impostas à vida do cidadão em diferentes espaços geográficos, sociais e contextos históricos

[...] Então, há que se pensar nos métodos de ensino a serem utilizados na escola para que se tenha como expectativa a formação de um “homem inteiro” e que, por meio da prática aliada à reflexão, construa-se o caminho para essa conquista (Pontuschka, 2015, p. 102).

Um projeto é uma experiência constituinte de um longo caminho educativo, que possui também azimutes paralelos ligados às práticas de aquisição de conhecimentos em espaços não formais de aprendizagem. Porém, as dinâmicas sociais lidas, a partir das lentes constitutivas da nossa proposta de extensão, tiveram algumas necessidades de reformulação, pois o ato educativo possui projeções e necessidades de reelaboração de estratégias para se atingir o objetivo com êxito. Em virtude de necessidades emergentes, tivemos que fazer a substituição de 05 (cinco) módulos/professores e incorporados outros 05 (cinco): Antonio Gregório da Silva, Genivaldo Paulino Monteiro, Antônio Manoel Elíbio Júnior, Sergerson Silvestre. O módulo 12 foi cancelado. O envolvimento com o trabalho de extensão possuiu um compromisso coletivo e uma dimensão de alteridade, pois, desenvolvemos a proposta em uma região de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) com um público majoritariamente constituído por extensionistas de baixa renda familiar e graduandos em cursos de licenciaturas vindos de famílias afetadas pela precariedade inerente ao mundo do trabalho. Feito a discussão sobre a dádiva, promovida por Marcel Mauss², os docentes da extensão realizaram uma imersão em realidades locais com o efeito de um contra-dom, que refletiram posteriormente no desenvolvimento de projetos de iniciação científica sobre estudos de caso referentes à região em questão. Todo conhecimento é partilha e nova aprendizagem pelo estímulo entre os participantes de forma mútua.

Em função das interrupções ocorridas durante o semestre letivo (recesso de final/início do ano), dois módulos não chegaram a ser ministrados: módulo 10 – Espaço, história e territorialidades de poder e módulo 12 – A escola como espaço de administração do eu contemporâneo³. Nesse sentido, o projeto teve uma redução de 30 horas/aula, totalizando 150 horas/aula e não 180 horas/aula, conforme havia sido planejado inicialmente.

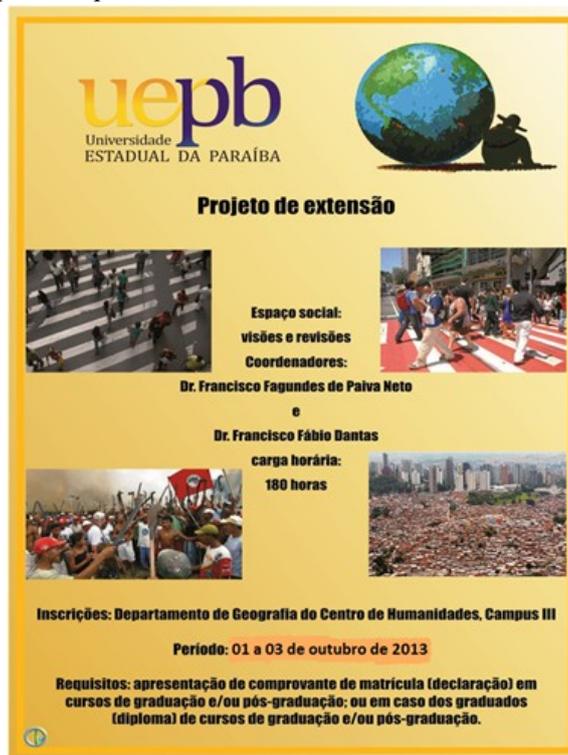
² Sobre a discussão sobre a dádiva e o contra-dom, sugerimos Martins (2005) sobre o texto clássico de Marcel Mauss (2003).

³ A divulgação dos nomes dos professores participantes neste artigo parte de alguns argumentos: 1º) Os certificados após a composição pelo setor responsável, a partir dos diversos trâmites administrativos, foram entregues no departamento do professor coordenador para fins de distribuição, após a composição de uma lista com um campo para assinatura e data de entrega, objetivando o controle institucional; 2º) Os professores assentiram a divulgação dos seus nomes nesta publicação, pois antes os referidos já haviam feito o registro dessas atividades nos seus próprios Lattes, que é uma plataforma de acesso público, que permite inclusive fazer o download integral do currículo.

Os módulos aconteceram aos sábados, tendo o auditório da Câmara dos Vereadores de Guarabira/PB como espaço, que por se localizar no centro da cidade, permitindo o conforto das atividades e o acesso aos pontos de ônibus e praças de alimentação, considerando a distância do Campus III com relação ao centro. As discussões sobre essas temáticas foram conduzidas e orientadas pelos professores responsáveis e contaram com a participação ativa de todos os alunos inscritos. Com efeito, cada professor sugeriu um tema, uma ementa, o(s) objetivo(s), a metodologia, a(s) forma(s) de avaliação e uma bibliografia básica. Os recursos materiais utilizados foram: quadro branco, pincel, livros, equipamentos eletrônicos (notebook, data show, máquina fotográfica, caixa de som), etc. Sobre a metodologia pedagógica, podemos afirmar, que ocorreram discussões sobre os temas propostos em cada módulo, além de haver sido destinado um momento para o debate e orientações referentes à composição de textos e bibliografias suplementares pelos professores responsáveis.

Coube ao coordenador do projeto acompanhar o desenvolvimento dos módulos com cada professor, para que ao término de cada semestre pudesse ser produzido em um primeiro momento um relatório parcial e, posteriormente, um final.

Figura 1. Cartaz de divulgação da extensão, cuja difusão foi feita por redes sociais. Quando impresso foi posto nos murais do campus III e deixado nas rádios da cidade para convite ao público de diversos municípios da Paraíba e do Rio Grande do Norte. O campus III da UEPB possui estudantes majoritariamente desses estados, pois fica perto da fronteira com o Rio Grande do Norte.



Fonte: Arquivo pessoal referente ao projeto de extensão

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O planejamento inicial, enquanto a distribuição das atividades apresentada na Seção 8 (Cronograma Físico) do projeto de extensão, sofreu algumas mudanças, em virtude da disponibilidade de tempo dos professores convidados para ministrar os módulos. As condições organizativas apontaram para a situação de que alguns professores são lotados nos diversos Departamentos da Universidade Estadual da Paraíba (História, Geografia e Educação), enquanto outros fazem parte de outras instituições, a exemplo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Companhia Estadual de Habitação Popular da Paraíba (CEHAP), Escola Superior de Aviação Civil (ESAC/FACISA) e Prefeitura Municipal de Arara/PB. Sendo assim, de novembro de 2013 a setembro de 2014 foram ministrados os módulos na sequência, conforme uma condição de disponibilidade dos professores com relação à extensão.

O primeiro dos módulos a ser apresentado foi intitulado “A Primavera Árabe e as teorias pós-coloniais” ministrado pelo professor Antônio Manoel Elíbio Júnior (visitante na UEPB) nos dias 8 e 9 de novembro de 2013. A partir de uma discussão do artigo de Marcos Costa Lima, intitulado “O humanismo crítico de Edward W. Said” (2008), foram abordadas as contribuições teóricas para realização de avaliações sobre o campo da Política Internacional, dando destaque à questão do humanismo como prática e não como mera dimensão patrimonial. Nesse percurso analítico, o autor abordou a dimensão hegemônica dos Estados Unidos (EUA) após a 2ª. Guerra em meio ao frágil equilíbrio entre a interdependência transnacional e uma ordem mundial solidamente democrática, devido à presença velada ou explícita da existência de um império assentado em um complexo industrial-militar de forte presença intervencionista.

A questão nacional apresenta desafios para a consciência da formação de nações como “comunidades imaginadas” diante das lutas de independência e de libertação. Essa fase estruturante configura um processo melindroso de constituição de uma identidade política e de Estados, em meio aos diversos níveis de pressão interna e externa de um complexo de instituições. Relacionado a esse aspecto, temos a questão do Orientalismo como uma expressão original da ignorância ocidental, que constituiu estereótipos negativos e estigmas discriminatórios sobre a civilização árabe e muçulmana, como reflexo de um grande leque do etnocentrismo autorreferente do Ocidente. Por fim, o texto apontou para um horizonte de possibilidades, a partir de pensamentos de outras matrizes culturais capazes de desvelar as relações internacionais, por meio de análises como as de autores como, Eqbal Ahmad

(paquistanês), Ngugi Wa Thongo (queniano), Ali Shariat (iraniano), Wole Soyinka (nigeriano), C. L. R. James (de Trinidad-Tobago), Faiz Ahmada Faiz (paquistanês), José Martí (cubano), Ranajit Guha (indiano), Aimé Césaire (martiniquenho). Pesquisas desde lugares periféricos tendem a renovar as formulações do campo científico e podem trazer novas possibilidades aos usos sociais da ciência.

Essas aquisições teóricas reportam olhares de ambiências situadas nas margens do processo de avanço das estruturas econômicas e políticas do capitalismo, mas que tangenciam essas dinâmicas com contribuições próprias e específicas inerentes à crítica de paradigmas construídos, a partir de uma visão colonialista e etnocêntrica, que ganhou tons de naturalização no senso comum.

Em meio a esses debates, diversos países vivenciaram as convulsões da chamada “Primavera Árabe”, que implicaram processos de guerra civil, como na guerra da Líbia (um conflito ainda está em curso); surgimento de novos regimes autocráticos, como no Egito e um governo de coalizão numa frágil democracia, a exemplo da Tunísia. Essas expressões de tensões políticas apontaram para novas tecnologias de desestabilização de regimes por meio das chamadas “guerras híbridas”, que também chegaram a impactar países na América Latina em anos recentes, por meio de Law Fare ou de golpes com presença ativa de policiais, dentre outras formas. Essas discussões levam a algumas indagações: a quem servem as guerras híbridas em uma fase de avanço do capitalismo financeiro? Como se dá o jogo político entre os novos impérios e da sociedade civil nas bordas da 4ª. Revolução Industrial e das induções dos algoritmos na política?

O segundo módulo, intitulado “Um olhar sobre a participação e o controle social na (re) produção do espaço” foi apresentado pelo professor Yure Silva Lima entre os dias: 23 e 30 de novembro de 2013. Este módulo foi subsidiado pela discussão do artigo “Estatuto da Cidade: função social da cidade e da propriedade. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço”, escrito pela geógrafa Arlete Moysés Rodrigues (2004). O referido trabalho apresentou os instrumentos contidos na Lei 10.257/01 – Estatuto da Cidade e aponta algumas contradições, conflitos, permanências, mudanças em relação à questão fundiária urbana, às atribuições da união, estados e municípios, planejamento urbano e participação social.

As discussões também versaram sobre a ausência da dimensão espacial para a aplicação dos instrumentos nas áreas urbanas de mais de quatro mil municípios, regiões metropolitanas e aglomerações urbanas e apresenta a concentração da população urbana em cerca de mil municípios como medida para elaboração do Plano Diretor. Por fim, ainda

reportou algumas indagações sobre o município ser a unidade de planejamento, em contraposição à sua possibilidade de atuação estar restrita às áreas urbanas.

Na atividade, o professor realizou junto aos participantes uma discussão sobre a questão da ocupação do solo urbano, privilegiando a legislação em vigor no Brasil. A partir daí, fomentou uma reflexão, junto aos presentes, a partir da realidade das condições referentes aos municípios de cada um dos presentes, tendo como escopo destacar problemas comuns, dentre as quais as ações do poder público e a participação da população na fiscalização dos recursos como uma prática de cidadania de modo ampliado.

Na sequência foi realizado o módulo denominado “Agentes políticos e estrutura jurídico-política autoritária no Brasil”, a partir de uma proposição do professor Antonio Gregório da Silva, tendo sido desenvolvido entre os dias 15 e 22 de fevereiro de 2014. Neste módulo o foi exibido o filme *Marighella* (dirigido por Grinspum Ferraz), que aborda a construção histórica do político baiano Carlos Marighella e as suas experiências no parlamento e, posteriormente, na luta armada. O filme apresenta Marighella em uma perspectiva humanizada e em situações do cotidiano com momentos de intrepidez, humor e persuasão na luta política. A narrativa percorreu a vida, a obra e a militância de Marighella na década de 1960, quando se tornou deputado federal, poeta e estrategista da guerrilha urbana no Brasil na tensão da Guerra Fria. Um dos maiores nomes da militância de esquerda no Brasil, Carlos Marighella, participou dos principais acontecimentos políticos nacionais entre os anos de 1930 e 1969, sendo considerado o maior inimigo da ditadura militar brasileira. Líder comunista, vítima de prisões e tortura, parlamentar, autor do mundialmente traduzido “Manual do Guerrilheiro Urbano”, sua vida refletiu uma trajetória de experiências institucionais e de conflito armado contra o regime instaurado pelo golpe civil-militar de 1964. A discussão foi pautada pelas possibilidades do uso dos métodos biográficos acadêmicos diante da composição da biografia de Marighella por Mário Magalhães (2012).

A questão das posições de diversos países na contemporaneidade foi abordada no módulo “A geopolítica no contexto internacional”, sob a proposta do professor Péricles Alves Batista nos dias 05 e 12 de abril de 2014. O desenvolvimento deste módulo deu-se por uma reflexão teórica sobre a geopolítica mundial. Na primeira parte ocorreu uma aula expositiva dialogada, abordando os conceitos e as definições da “Geopolítica Clássica”, a partir das contribuições de teóricos como Friederich Ratzel, Rudolf Kjellén, Alfred Mahan, John Mackinder e Karl Haushofer. Dessa forma, houve a relação do pensamento dos autores clássicos com os acontecimentos da geopolítica atual, considerando as iminentes questões de

releituras e indagações originárias dessas formulações teóricas, que reverberam no tempo presente diante de tensões internacionais renovadas nos quadros de avanço de novos impérios econômicos, militarmente ultratecnológicos, com controle estratégico em sementes e insumos agroalimentares e relacionados à financeirização. Para isso, foi feita a leitura de mapas históricos para se chegar a uma reflexão sobre a redefinição das fronteiras internacionais nas últimas décadas.

Na segunda parte do módulo, foi feita a exibição de vídeos relacionados aos conflitos do passado e atuais com fins comparativos. Foram exibidos dois documentários sobre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, além de reportagens sobre os conflitos do Oriente Médio nas últimas décadas. Através dos vídeos, realizou-se um debate para compreender a influência que a geopolítica exerce nas guerras e nos conflitos internacionais. Com efeito, a partir dos materiais exibidos, os temas discutidos foram: relações de poder, pensamento geopolítico clássico, expansão territorial, defesa de fronteiras, elaboração de estratégias pelos Estados, guerras mundiais, Guerra Fria, fragmentação da Europa, colapso soviético, velha ordem mundial, nova ordem mundial e minorias nacionais. As obras de Eric Hobsbawm, Ives Lacoste, Bertha Becker, Wanderley Messias da Costa, Iná Elias de Castro, Antonio Carlos Robert Moraes, Demétrio Magnoli, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Manuel Correa de Andrade e José William Vesentini, ajudaram na compreensão dos temas em questão.

O módulo intitulado “Espaços sociais, identidades e memórias” foi desenvolvido pelo professor Francisco Fagundes de Paiva Neto entre os dias 10 e 17 de maio de 2014. Foram analisadas as relações entre os espaços sociais e a constituição de identidades e as memórias. Para tanto, discutiu-se como os campos, com as suas respectivas homologias, são os locais, onde se processam contatos próprios dos agentes com as estruturas. Porquanto, é o nível no qual se desenvolvem as trajetórias individuais e sociais, conforme os escritos de Pierre Bourdieu. Procurou-se relacionar o debate com uma atividade de extensão vinculada ao Núcleo de Documentação Histórica (NDH), cuja base documental tem relação com as lutas trabalhistas na mesorregião do Agreste Paraibano. Os textos para discussão promoveram o debate, que versou sobre experiências de operários, em um contexto de uma organização de representação sindical assediada na sua autonomia por oligarquias locais. Essa conjuntura aponta para processo de tensões políticas entre frações internas do operariado diante das pressões de uma empresa, que buscou submeter o sindicato a uma condição de heteronomia política.

Abordou-se também a constituição de identidades, desde as relações de pertencimentos sociais até os aportes relacionados às memórias grupais. Por fim, buscou-se uma compreensão sobre as relações entre os espaços sociais com a memória social e a questão simbólica, a partir de conflitos entre os grupos sociais em condição relacional de pertencimentos aos variados campos.

No módulo “Governança territorial e desenvolvimento turístico no Brejo Paraibano”, que teve como responsável o professor Sergerson Silvestre, ocorreu nos dias 10 e 17 de maio de 2014. A proposta procurou atingir os seguintes objetivos: a) Esclarecer a definição de turismo como fenômeno econômico, espacial e social; b) Analisar a composição do produto turístico; c) Evidenciar o fenômeno do turismo e da cultura no Brejo Paraibano, bem como as políticas públicas de turismo; d) Compreender os programas e projetos para o desenvolvimento local e regional, problematizando suas relações com os espaços.

Para tanto, foram utilizadas algumas referências teóricas, a saber: BACELAR, Tânia. Por Uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional; CORIOLANO, Luzia Neide M. Teixeira e SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. Turismo e Geografia: abordagens críticas; Organização Mundial do Turismo (OMT). Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais; SILVESTRE, Sergerson e TELES, Mônica Maria Ferreira. As Interfaces da Produção do Espaço Turístico no Brejo Paraibano. Na finalização do módulo, o professor discutiu os impactos do turismo com a realidade observada nos municípios de origem de cada aluno presente, destacando a possibilidade de criação de um projeto turístico para suas cidades que busquem o equilíbrio dos três pontos da sustentabilidade: econômico, social e ambiental. A proposta procurou demonstrar que o turismo também impacta de modo destruturador e excludente, criando inclusive áreas de gentrificação e ampliação de relações trabalhistas altamente exploratórias.

As ruralidades foram tema do módulo “Assentamentos rurais: identidades, vivências e processos sociopolíticos”, através da colaboração do professor Vilson Cesar Schenato entre os dias 27 e 31 de maio de 2014. Versou sobre a discussão da realidade dos assentamentos rurais no Brasil, trazendo interpretações teórico-metodológicas que abordaram os assentamentos como espaços de produção/reprodução material e simbólica, que permitem a continuidade do campesinato na terra de trabalho. As discussões foram subsidiadas pelo diálogo com a temática do módulo e temas de interesse dos extensionistas, avaliando que na mesorregião do Agreste Paraibano (onde se localiza o Campus III) existem pelo menos 48 assentamentos rurais. Entre os artigos discutidos, o de: SILVA, M. A. M. Experiência e memória na

bagagem dos caminhantes da terra, que trouxe contribuições para pensar como as narrativas são uma forma de expressão sobre as experiências dos trabalhadores rurais em processos constituintes de uma relação entre memória e identidade. Foram discutidas as experiências de pesquisa, que utilizaram a metodologia da história oral, a partir da pesquisa de Silva (2006), cuja perspectiva epistemológica se relacionou a opções dos “de baixo”. Essa foi uma estratégia de ensino para uma contraposição às versões oficiais dos processos sócio-históricos, que envolvem as lutas e resistências coletivas e cotidianas do campesinato frente às novas modalidades de concentração agrária, expansão de mono cultivos transgênicos, contaminação do solo e das águas, conflitos com populações tradicionais, etc. Outra contribuição para a leitura foi o artigo do próprio ministrante do módulo: SCHENATO, V. C. Economia Moral e Resistências Cotidianas no Campesinato: Uma leitura a partir de E .P. Thompson e James Scott, que analisou as construções identitárias entre colonos e assentados em um distrito rural de Cascavel–Paraná, a partir dos constructos teóricos da história social.

A análise crítica da história da região recuperou a presença dos indígenas e dos caboclos, invisibilizados pelos colonos e na história oficial paraense, que solapou a presença de “outros” na reocupação espacial na região Oeste do estado. As relações identitárias entre colonos e assentados são históricas, relacionais e constituídas performativamente. No entanto, não eliminam a referência ao *ethos* do trabalho familiar na terra de forma relativamente autônoma, bem como ao modelo ideal de pessoa, que tem como parâmetro: os colonos “fortes” frente aos “fracos”. Nesse processo social, a discussão versou sobre as injunções sociais sobre todos aqueles, que correm o risco de proletarização e de ser envolvidos em redes de exploração do trabalho em condições do modal eufemismo, “trabalho análogo à escravidão”.

A inserção social dos que lutaram pela terra, naquele cenário, perpassa não só a ascensão a condição social de assentado, mas o desejo de continuarem nos lotes e serem reconhecidos como uma fração do campesinato. Em um corte histórico, os assentamentos impactam nas áreas em que se estabelecem e são também impactados pelas coletividades locais, com as quais interagem socialmente, sendo (re) produzidas identidades e diferenças cotidianamente. As discussões seguiram-se com o diálogo frequente com os extensionistas, a partir dos seus pontos de vistas sobre um artigo de Delma Pessanha Neves (1999), discutindo a respeito da confluência de fatores sociais e políticos. Essas relações envolvem a trama tensões referentes aos assentamentos rurais naquilo que lhes concernem processualmente, por

mudanças impulsionadas, em meio ao tensionamentos de atores diversos (Estado, mediadores, camponeses, mercado, mídia, etc.).

A busca para chegar à condição de produtores agrícolas autônomos passa pelas vias dessas fases de conflitos, com a intervenção estatal, como central. Mas esse é um estágio, que nem sempre é favorável para os assentados, porque se trata da guerra judicial entre “fortes” e “fracos”, sob o risco de assimetrias, quando alguns podem contratar grandes escritórios de advocacia ou fazer pressões no campo extrajudicial, acarretando dificuldades para tornar os assentamentos viáveis. Essa situação foi um impedimento no estudo de caso para que os assentados pudessem chegar a uma posição social, que lhes permitisse a autonomia reivindicada.

No módulo 4 foi abordada pelo professor Genivaldo Paulino Monteiro a questão da Filosofia e espacialidade entre os dias 19 e 26 de julho de 2014. A proposta abordou a relação entre filosofia e geografia, enfatizando as contribuições de alguns dos principais filósofos sobre a espacialidade. Partindo do pensamento de autores como Aristóteles, David Hume, Immanuel Kant, Gaston Bachelard, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Albert Einstein, Pierre Lévy, entre outros, tratou-se a “espacialidade” como categoria fundamental nas diferentes ciências e áreas do conhecimento (matemática, arquitetura, filosofia, física, geografia). Provocou debates e reflexões sobre três aspectos importantes dessa categoria, quais sejam: 1. Epistemológico: como elemento constituinte da nossa forma de apreender e conhecer o mundo e a nós mesmos; 2. Ontológico: a dimensão da própria forma do Ser no mundo – objetos, pessoas, mundo -, relacionada, portanto, à natureza fatídica da existência, no sentido heideggeriano; 3. Antropológico: relacionando esta categoria ao próprio processo de constituição e formação humana, salientando as dimensões culturais e sociais desta formação.

Após a exposição da proposta do módulo, assim como seus objetivos e formato metodológico, deu-se início ao debate sobre algumas concepções filosóficas referentes à espacialidade e as suas implicações sobre os grupos humanos em suas experiências sociais. Tal como foi proposto, a análise do professor debruçou-se sobre as possíveis implicações de cada das concepções para o estudo e reflexão sobre as relações entre a espacialidade e a geografia social. Após o debate, fez-se uma exposição mais sistemática e sintética dos pontos e ideias apresentadas ao longo do módulo. A atividade foi finalizada com avaliações sobre a contribuição de alguns autores contemporâneos, como Pierre Lévy, sobretudo, com considerações sobre o conceito de “espaço antropológico”. Foram feitas, finalmente,

sugestões de leituras e abordagens não contempladas durante a exposição devido ao tempo restrito.

O módulo intitulado “Um olhar sobre o espaço urbano” proposto pelo Francisco Fábio Dantas da Costa foi desenvolvido nos dias 30 de julho e 2 de agosto de 2012. O trabalho foi realizado em campo em João Pessoa/PB. Na oportunidade os cursistas observaram as transformações espaciais produzidas pelas mais diversas atividades humanas ao longo do trajeto percorrido entre a cidade de Guarabira e as cidades da Grande João Pessoa. Foram destacados os métodos da agricultura e da criação de animais; as atividades agroindustriais, relacionadas à expansão da monocultura canavieira; plantas da indústria de transformação e da indústria de construção; a presença de centros comerciais e de serviços, etc. Em João Pessoa foram visitados alguns pontos importantes para uma reflexão sobre a ocupação do espaço: Conjunto Mangabeira, Santuário de Nossa Senhora da Penha, Ponta do Seixas, Estação Ciência do Cabo Branco, praias urbanas de Tambaú e Manaíra, Bairros Jardim Luna e Brisamar, Shopping Manaíra. Em Cabedelo foram visitados a Fortaleza de Santa Catarina (equipamento militar construído na época da colonização), o porto, o estuário do rio Paraíba e a praia fluvial do Jacaré. Por fim, o trabalho de campo foi encerrado no Centro Histórico de João Pessoa (praça Antenor Navarro, largo da Igreja de São Pedro Gonçalves e Hotel Globo). Essa atividade foi de grande valia, uma vez que os alunos puderam estabelecer conexões entre a teoria e a prática da geografia humana, com reflexões sobre a precariedade de alguns assentamentos humanos; os impactos socioambientais; a tensão entre uma área de expansão comercial, junto a uma favela; o modelo de gestão do patrimônio histórico edificado precarizado pela segregação dos moradores tradicionais por uma prática de turismo excludente, entre outras reflexões.

O último módulo com o título “A evolução natural da Terra” teve como proponente o professor Lanusse Salim Rocha Tuma entre os dias 1 e 2 de agosto de 2014. A atividade foi desenvolvida em campo. Durante a sua execução do trabalho foi demonstrada na prática as diferenciações presentes desde um olhar geológico e social sobre as paisagens criadas, a partir das forças da natureza: intemperismos químicos (ação das águas superficiais e de subsuperfície), físico (ação dos ventos e da temperatura) e biológico (ação dos seres vivos, com grande destaque para os seres humanos). No trajeto foram visitados alguns pontos de grande impacto ambiental, com destaque para a erosão provocada pela ação marinha; os desmoronamentos de encostas e barreiras ocupadas por residências; o processo de ocupação das margens dos rios urbanos (Rio Sanhauá, Rio Paraíba e Rio Jaguaribe); o processo de

substituição da vegetação por algumas atividades econômicas; a poluição dos manguezais, entre outros. O professor destacou a importância da preservação dos recursos naturais e da adoção de políticas públicas de planejamento espacial e ambiental para minimizar os impactos. Frisou, por fim, o papel da educação ambiental tem em todas as instâncias da sociedade, mormente, quando a superexploração dos recursos pelo modelo econômico pode comprometer as condições de diversas formas de vida na Terra.

O projeto teve a conclusão após 09 (nove) meses de trabalho no período compreendido entre novembro de 2013 a agosto de 2014. O público-alvo foi composto por estudantes e profissionais oriundos dos cursos de História, Geografia e Direito, considerando que a proposta da atividade versa sobre as possibilidades interdisciplinares no campo das Ciências Humanas.

Como resultados dessas atividades, alguns discentes desenvolveram trabalhos de conclusão de curso sobre temas que estiveram diretamente relacionados aos módulos ministrados na extensão. Dentre eles, destacam-se as seguintes pesquisas: impactos socioambientais causados pelo uso de agrotóxicos em plantações de abacaxi no município de Itapororoca/PB; mobilização política e sindical dos trabalhadores canavieiros do Brejo Paraibano na década de 1980; migrações rurais-urbanas no contexto do município de Pilões/PB; impactos ambientais provocados pelo crescimento urbano sobre as áreas drenadas pelo rio Cuiá (João Pessoa/PB); aspectos da religiosidade popular na Diocese de Guarabira/PB; a cidade de Guarabira/PB como polo de atividades terciárias e sua influência sobre municípios da região do Agreste/Brejo; conflitos sociais e questões sindicais no vale do rio Mamanguape; práticas docentes nas escolas públicas de Guarabira/PB; além das ações da justiça trabalhista e o movimento sindical em Guarabira/PB (década de 1980). Por fim, destacamos que o artigo intitulado “Espaço Social (visões e revisões): experimentos de uma atividade extensiva interdisciplinar” foi submetido e aprovado pelo Conselho Editorial da Revista Elo Diálogos em Extensão, tendo sido publicado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Ao fazermos uma autorreflexividade sobre esta atividade, percebemos a dinâmica de um processo, que exige um movimento contínuo na construção de saberes cada vez mais inclusivos, pois somente assim, teremos instâncias transformadoras da prática docente e da própria sociedade nacional edificada sobre bases e estruturas assimétricas. Segundo um pesquisador das práticas educativas:

Pensar a Interdisciplinaridade hodiernamente parece-me pertinente e urgente. Não se trata aqui de qualquer Interdisciplinaridade, porque não estamos nos referindo a qualquer contemporaneidade. O mundo atual apresenta-nos desafios provenientes de sua complexidade. A ausência de ser humano na ciência moderna, principal motor deste mundo, trouxe consequências graves para todas as esferas da vida coletiva. Por outro lado, quanta riqueza e possibilidades de ação humanizadora. Urge aprimorarmos o olhar para identificarmos as diversas facetas que compõem o tempo atual, nas suas precariedades e potencialidades (Fernandes, 2015, p. 54).

As demandas do tempo presente foram agravadas pela radicalidade de um processo histórico de longa duração com efeitos agressivos extremos ao ponto de deixar-nos à beira da falésia. O nosso agir como docentes tem possibilidades transformadoras, que urgem como ecos de gritos dados na urgência de uma nova crise cada vez mais profunda, anunciado novos tempos ainda mais complexos e perigosos. Achamos saídas, desde o nosso lugar de docentes-aprendizes já não pode ser postergado.

Tiramos como uma aprendizagem coletiva, no que se refere aos docentes, a dimensão de perscrutar temáticas sobre a região em torno da nossa instituição. Essa prática abriu espaços para relações mais profícuas nas salas de aula da graduação e de pesquisas sobre uma miríade de temáticas relacionadas ao campo e à cidade, conforme o caráter das próprias áreas de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão realizou um conjunto de reflexões sobre temas variados das Humanidades e influíram junto aos profissionais em formação dos cursos de História, Geografia, Pedagogia, Letras e Direito. Mantivemos uma frequência, a partir de uma condição institucional referente a uma inscrição para fins de certificação. Porém, tivemos também um público de presença flutuante, devido à presença de visitantes a módulos específicos, que tiveram necessidades pontuais para debater questões voltadas aos estudos monográficos ou interesses afins.

A frequência na extensão foi efetivada graças ao acesso franqueado aos inscritos aos ônibus escolares pelas prefeituras municipais. As características regionais de baixos rendimentos familiares poderiam ter comprometido o nosso trabalho pela inviabilidade de recursos para viagens, alimentação e outros custos. Esse quadro referente aos índices socioeconômicos dos nossos extensionistas poderia ter sido um impedimento às atividades diante dos seguintes pontos: a) a ausência dos ônibus estudantis seria um vigoroso obstáculo à carga horária proposta e à emissão de certificados; b) a brecha salarial regional, que traz

desníveis profundos e consequentes desigualdades sociais, devido aos limites da própria Justiça do Trabalho, em um mercado de trabalho vulnerável às pressões patronais contra os trabalhadores; c) as distâncias geográficas, que impedem o acesso de muitos estudantes, devido à pobreza rural ou dos baixos rendimentos econômicos em um estado periférico, a Paraíba, e numa região periférica, o Nordeste brasileiro; e, d) A presença de extensionistas oriundos da fronteira com o Rio Grande do Norte, que onera profundamente, em relação às condições locais, os custos com alimentação e transporte.

As matrículas na extensão foram concorridas tanto pela complementariedade de horas curriculares para fins de conclusão de curso, quanto pela possibilidade de marcação de pontos em concursos públicos ou de progressão funcional, no caso dos egressos, que já são concursados. No caso dos graduandos, destacamos que congressos em outros estados da federação tendem a inviabilizar o orçamento familiar, mesmo com eventuais ajudas de parentes. Enquanto para os egressos a possibilidade de uma atividade de extensão no campus de Guarabira/PB permitiu uma qualificação presencial com menos custos.

A variedade das temáticas atinentes às Humanidades permitiu o contato ou níveis de aprofundamento, a partir de estudos específicos, garantindo um rodízio capaz de integrar perspectivas interdisciplinares nesse processo de formação complementar ou suplementar. Salientamos, à guisa de conclusão, que a extensão teve um resultado profícuo ao integrar professores de diversas áreas de conhecimento com um público igualmente diversificado, havendo um nível de debates influente nas disciplinas das graduações e em pesquisas na UEPB e em outras universidades da região, como na UFPB e na UFPE. Como uma paráfrase sobre uma reflexão de uma educadora, lembramos, apenas, que em um projeto interdisciplinar de extensão se vivem e se exercem conhecimentos. E queremos destacar, por fim, existem assimetrias regionais, que tornam o trabalho extensivo ainda mais necessário, quando nos deparamos, ainda, com uma ausência de equipamentos públicos capazes de estabelecer uma cultura universitária eficaz na interlocução de saberes.

REFERÊNCIAS

- BACELAR, Tânia. Por uma política nacional de desenvolvimento regional. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 30, n. 156, p. 144-161, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M. Teixeira; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: UECE, 2005.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6. ed. São Paulo: Edições: Loyola, 2021.
- FERNANDES, Peterson José Cruz. Desafios para a efetivação de um projeto interdisciplinar na contemporaneidade: Um diálogo com Jürgen Habermas e Ivani Fazenda. **Revista Interdisciplinaridade**, n. 6, p.44-55, 2015.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- LIMA, Marcos Costa. O humanismo crítico de Edward W. Said. **Lua Nova**, n. 73, p. 71-94, 2008.
- MAGALHÃES, Mario. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]**, n.73,| 2005, Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/954> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.954>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosacnaify, 2003, p. 183-194.
- NEVES, Delma Pessanha. Assentamento rural: confluência de formas de inserção social. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 13, p. 5-28, 1999.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Manual para organizadores locais**. Madri, Espanha: 1994.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de; COSTA, Francisco Fábio Dantas da. Espaço social (visões e revisões): experimentos de uma atividade interdisciplinar. **Revista ELO - Diálogos em Extensão**, v. 2, n. 2, p. 89-96, 2013.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. Interdisciplinaridade: aproximações e fazeres. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 100–124, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/376>. Acesso em: 14 mar. 2023.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Estatuto da Cidade: função social da cidade e da propriedade. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço. **Cadernos Metrôpole**, n. 12, p. 9-25, 2004.

SCHENATO, Vilson Cesar. Economia moral e resistências cotidianas no campesinato: uma leitura a partir de E.P. Thompson e James Scott. **I Conferência Nacional de Políticas Públicas contra a Pobreza e a Desigualdade**, p. 89-107, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Experiência e memória na bagagem dos caminhantes da terra. **Teoria & Pesquisa**, v. 49, p. 35-65, 2006.

SILVESTRE, Sérgerson; TELES, Mônica Maria Ferreira. As Interfaces da Produção do Espaço Turístico no Brejo Paraibano. **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**, Porto Alegre, 2010.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista brasileira de educação**, v. 13, n. 39, p. 545-554, 2008.

Recebido em: 18 de outubro de 2022.

Aceito em: 11 de setembro de 2023.